5.º ANO — LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 1925 — N.º 1240

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DISBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DISBOA

ATÉ QUANDO?

Entre nós, alem de não existir o habito da obediencia, multiplicam-se as ambições e as cubiças, sem que seja possivel enxerta-las na nossa politica de realisações e proveitos.

Cada individuo agita um descontentamento e este, em vez de confinar-se no campo das reflexões secretas, produz-se ao ar livre, enchendo de ameaças e apostrofes as ruas e praças.

Ninguem se julga na obrigação de calar-se, sobretudo quando o silencio concorreria poderosamente para abrandar tempestades que, ao estalarem, nem ao menos deixam cair as gotas de chuva, benefica e fecunda, de que tanto necessita o solo calcinado.

Pessoas que se gabam de não acreditar em Deus nem nos santos cultivam uma espécie de sobrenatural, de naturesa retorica, que as lança numa agitação muito mais inquieta e irritada que as doenças nervosas que, no tempo dos conventos, alucinavam comunidades inteiras.

Podemos declarar que Portugal vive em pleno desvairamento, visto que, a cada passo, nós presenceamos manifestações colectivas, tão acentuadamente morbidas que, se uma terapeutica eficaz não intervier, a tempo e horas, é de recear que seis milhões de almas se convertam em loucas tribus hospitalares.

Incontestavelmente, estamos assistindo a uma tremenda degradação nos sentimentos, uma *quebra* evidente na linha moral que, como puresa de raça, não consentia que nos entregassemos á pratica de actos que não só negam a Patria, mas até a noção humana do convivio social.

Foi Hobbes que difiniu o homem—o lobo do seu semilhante.

Em Portugal, nesta hora de crise e de coleras desencadeadas, ha uma actividade delituosa quasi diaria que, com sanha feroz, vai abatendo cidadãos inofensivos, á maneira de peças de caça.

Poderá isto continuar?

Para que serve o respeito e a piedade, a lei, os tribunais, a policia e a força publica?

Nunca como hoje, a eloquencia foi tão abundante, espumosa e rumorosa.

Quem nos julgar pelas palavras que proferimos, hade supor que a nossa vida é um perfeito idilio.

Debaixo das nossas arengas e discursos, dos nossos lirismos e arrebatamentos palpita o sombrio odio dos fanaticos.

As melhores ideias e as mais belas aspirações, á medida que se divulgam, passando do ensino dos mestres para a curiosidade torva de alguns disciplos pervertem-se, inflamando-se como certas materias em decomposição.

Doutrinas de paz e concordia provocam crimes e estes crimes que laivam de sangue as mãos dos assassinos tambem nos salpicam a todos nós, visto que não sabemos ou não queremos erguer Portugal acima dos interesses que nos dividem.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

—Então a Alemanha lá escolheu o marechal Hindenburgo . . .
—«On revient toujours au prémier amour . . .»

DO sr. general Gomes da Costa recebemos a seguinte carta, a proposito da posse do novo titular da pasta da Guerra:

«*Sr. director*—E' absolutamente errado ter eu assistido á posse do sr. ministro da Guerra, como pode fazer crêr a nota a este respeito incerta no *Diario*.

O pequeno mas fino reporter do seu jornal, desta vez, enganou-se: encontrando-me á saida das salas do ministerio da Guerra, e, habituado a vêr o sistema corrente de adaptação *a atitudes propiciatorias* em uso no nosso meio, concluiu que eu vinha de queimar o meu grãosito de incenso no turibulo governamental, o que prova que mais uma vez se enganou a meu respeito.

Ora eu vinha, simplesmente, da repartição do gabinete, de solicitar licença para ir a bordo da fragata *D. Fernando*, visitar um simples tenente de cavalaria ali preso, que foi meu ajudante de campo na campanha de França, onde ganhou a Cruz de Guerra e a Tôrre e Espada, em *raids* e outras operações contra o Alemão; e segui para casa do meu ajudante actual que está numa cama, com uma pata no ar e um caco de granada no toutiço, resultado, tambem, dum *raid*, creio que na Avenida da Republica.

Por motivos de alta transcendencia, e que, portanto, não posso atingir, não consegui obter no ministerio, licença para ir a bordo da fragata, e como não tivesse recebido ordem alguma para ir apresentar os *salams* oficiais, que nada significam, ao ministro, embora o sr. Mimoso Guerra me mereça muita consideração, segui do ministerio para casa do meu ajudante escaqueado, a quem cumprimentei calorosamente por estar tão maltratado.

Pedindo a v. o favor da publicação desta carta para desfazer impressões que o *Diario*, involuntariamente de certo, provocou, eu peço licença para me confessar—De v. etc., *General Gomes da Costa*».

Ao contrario do que o sr. general Gomes da Costa supõe, a sua interessantissima carta vem apenas confirmar o que nós dissemos: que não assistiu á posse do sr. Mimoso Guerra.

* * *

OS directores dos jornais de Lisboa compareceram hoje, a convite do Quartel General, no ministerio do Interior, onde o sr. general Adriano de Sá lhes comunicou que estava terminada a censura aos jornais.

Na redacção do nosso presado colega *Jornal do Comercio* realisou-se tambem uma reunião, a fim de tratar-se da suspensão de *O Seculo*.

Foi nomeada uma comissão composta dos srs. Jorge de Abreu, director de *A Tarde*, José Sarmento, chefe da redacção do *Diario de Noticias*, Alberto Bessa, director do *Jornal do Comercio*, e Pedro Bordalo Pinheiro, representante do *Diario de Lisboa*, a qual se dirigiu ao Parlamento para falar com o sr. presidente do ministerio.

Como este a não pudesse receber, avistou-se com o sr. ministro do Interior que lhe afirmou que a situação de *O Seculo* breve se esclarecerá, voltando a publicar-se apenas terminem certas diligencias que estão sendo conduzidas urgentemente.

* * *

INAUGUROU-SE hoje o novo escritorio da Companhia Internacional de Wagons-Lits, na Rua Nova do Carmo, 87, na antiga muralha do Carmo.

O gerente é o nosso amigo sr. Raul Santos Silva, apreciado de todas as pessoas que viajam, pela sua gentilesa e pelos seus conhecimentos.

No referido *bureau* que está lindamente decorado, encontrarão todos os turistas as indicações e os meios de que necessitam para as suas viagens.

HINDENBURGO foi eleito presidente da Republica alemã, batendo o dr. Marx, cuja candidatura, nos ultimos dias, ganhara grande popularidade.

O nacionalismo triunfou, marcando assim na Europa um novo ponto de referencia para as correntes que buscam reorganizar-se, sem alterar a constituição economica e social dos povos.

O velho marechal, que os seus adversarios acusam de gasto e mole, já uma vez afirmou que a sua maior satisfação seria voltar a combater de novo contra a França.

Cremos que os seus 87 anos não suportam os fragores e perigos das batalhas.

E' muito natural, porém, que, sob o seu presidencialato, a Alemanha restaure o seu espirito militarista, a fim de olhar sem receio para o oriente e o ocidente.

* * *

A TRANSFORMAÇÃO que ha muito se opéra nos estabelecimentos da Baixa atinge agora as empresas de publicidade—as antigas «agencias de anuncios», como era de uso dizer-se. Desta feita coube a vez á «Peninsular», da rua da Vitoria, 55, que hoje de manhã ressurgiu alindada em extremo, com uma frente elegantissima e uma «vitrine» em que se ostentam as ultimas novidades literarias. O *Diario de Lisboa* conta amigos na «Peninsular» e aproveita, por isso, o ensejo para saudar a simpatica empresa, á qual andam associados os nomes de alguns nossos antigos camaradas de jornalismo.

* * *

UMA das acusações que se levantaram contra o «Diario de Lisboa», logo que a autoridade militar ordenou a sua suspensão, foi esta—o seu entendimento com o governo espanhol para preparar em Portugal uma ditadura revolucionaria.

Esperamos que a pessoa que se diz na posse de tão tenebrosos segredos os não guarde só para os conciliabulos de amigos credulos, mas os produza á luz do dia, dando deles conhecimento á autoridade, para que esta proceda sem complacencias.

* * *

ENCONTRA-SE preso, a bordo da fragata «D. Fernando», o sr. dr. Alvaro Machado, contra o qual nada consta, a não ser o facto de acompanhar, até ao Quartel do Carmo, o sr. Cunha Leal.

Como medida de justiça, ousamos pedir que se apure quanto antes, o seu caso, a fim de que não se prolongue uma situação que nada tem de agradavel.

* * *

O NOSSO presado calega Sarmento Duque, da redacção do «Diario de Noticias», que se achava enfermo ha três semanas, começou a melhorar. Desejamos o seu pronto restabelecimento.

* * *

DEVE sair brevemente o primeiro numero dum «magazine» com o titulo «Europa», que se propõe versar todos os assuntos, contendo novelas, contos, artigos sobre pintura, escultura, sciencia, teatro, «films», etc.

* * *

O *Diario do Governo* publica hoje, em suplemento, o «Relatorio da Sindicancia aos actos do sr. dr. Veiga Simões, ministro de Portugal em Berlim».

Um livro

Uma carta

Do sr. Luiz Keil, recebemos a seguinte carta, que devido á suspensão do «Diario de Lisboa» só hoje podemos publicar:

Sr. Director: — A proposito da transcrição no «Diario de Lisboa», de um dos capitulos da «Historia do Palacio Nacional de Queluz», no que se refere a tapeçarias, o sr. Vieira Branco, admite a hipotese de que uns «Panos de Arráz» alusivos á historia sagrada, incluidos na relação de 1787, seriam da fabrica de Tavira, citando João Ba[illegible]sta da Silva Lopes, na sua Corografia do Algarve, pag. 369...

Em 1882, na Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, foi exposta uma tapeçaria, proveniente do Palacio Real de Mafra, com a indicação de representar «o filho prodigo recolhendo á casa paterna» e a palavra TAVIRA na parte inferior; era atribuida a Pedro Tavares, que do Algarve viera para Mafra — e a epoca fins do seculo XVIII—principio do seculo XIX, (vide Catalogo: Sala P n.º 78). A mesma atribuição faz Filipe Simões.

Sousa Viterbo, nas «Notas ao Catalogo» de 1882, e depois no seu livro «Artes e Artistas em Portugal» (1.ª edic. pag. 68), refere-se a essa tapeçaria e ao seu assunto — «o regresso do filho prodigo á casa paterna» não dando, porém, a autoria a Pedro Tavares, mas sim directamente á fabrica de Tavira.

Essa tapeçaria que do Palacio de Mafra transitou para o das Necessidades, não tendo sido possivel a [illegible]naldo Ortigão encontrá-la, em 1895, para a incluir nos objectos expostos pela Casa Real, na exposição de Arte Sacra, do centenario de Santo Antonio, foi, depois de 1910, removida, com outras, para o Museu Nacional de Arte Antiga, onde se conserva actualmente.

Em 1921, numa memoria, que enviei ao Congresso de Historia de Arte, realizado em Paris, sobre «Um tapeceiro francês em Portugal, no fim do seculo XVIII» referi-me largamente á fabrica de Tavira, fundada por Teotonio Pedro Heitor, tapeceiro da Casa de Bragança, e Pedro Leonardo Mérgoux, tapeceiro de Aubusson, e ás tapeçarias ali tecidas, entre elas á descrita por Sousa Viterbo, que, porém, se tinha equivocado no assunto, tomando por o «regresso do filho prodigo á casa paterna» o que era simplesmente um episodio da historia de José — «os irmãos de José mostrando a tunica ensanguentada a Jacob».

Esta tapeçaria e uma outra representando uma paisagem, existente na Camara Municipal da Figueira da Foz, são, segundo creio, os unicos exemplares assinados conhecidos, da fabrica de Tavira, a qual instituida em 1776 pouco durou. Em 1783 já não existia, e por isso os produtos ali manufacturados deviam ser restrictos.

Os panos da historia de José (se não foi tecido sómente um, foram de certeza postos no tear em homenagem ao rei D. José. O que resta, mede 4m,45X3m,60, e se realmente não é uma obra prima, nem mesmo um belo produto, atesta, contudo, a boa vontade e preserverança dos fundadores da fabrica. Já o da Figueira da Foz, que mede 9m,30X3m,60, onde se não lutava com as dificuldades tecnicas de um assunto historiado, é de mais agradavel aparencia e de melhor acabamento.

Mérgoux, que viera para Portugal em 1774, era o descendente de uma velha familia de tapeceiros de Aubusson, conhecida desde 1684. Morreu em Tavira, em 1797, deixando um filho que foi cirurgião-militar em Elvas, e depois medico em Serpa e Lisboa, o qual teve descendentes que ainda hoje vivem em Lisboa.

Ainda em referencia ao capitulo «tapeçarias» da bela e erudita monografia de Caldeira Pires, digo a v. que os dois «soberbos panos do seculo XVI», encimados pelas armas reais portuguesas, transcritas por Sousa Viterbo, na sua citada obra «Artes e Artistas», pertenciam a uma série da «Historia de Alexandre» mandada tecer no «atelier» dos Gobelins, no começo do seculo XVIII, mas sobre cartões antigos, para a Casa Real Portuguêsa.

Esses dois panos, estão actualmente numa das salas do Palacio Ducal de Vila Viçosa.

Creia-me seu amigo e admirador, *Luiz Keil*.

MUSICA

A orquestra SINFONICA de Madrid

e uma carta de José de Almada Negreiros

O maestro Arlós, que tão grandes triunfos alcançara em Lisboa quando da sua «tournée» de ha seis anos, levantou numa tal ovação a plateia de S. Carlos, ao terminar a abertura do «Carnaval Romano» de Berlioz, que não hesitamos em vaticinar-lhe maior exito nestes concertos do que nos de 1919, o que se confirmou no resto do programa de ontem, durante o qual se mantiveram constantemente vivos, o interesse e o caloroso entusiasmo do publico.

Arlós regressa-nos com o mesmo gesto imperioso e preciso, com a vivacidade e a emoção irresistiveis que nele se aliam a um estilo e a um gosto que não falham.

A orquestra pareceu-nos melhorada, apresenta-se-nos desta vez na sua maxima força, com a explendida sonoridade que já lhe tinhamos notado, e com a disciplina que o seu chefe sabe manter e que a censura nos permitirá que elogiosamente classifiquemos de militar.

Ha poucos dias referimo nos, nesta secção, a proposito da verdadeira natureza do genio de Munirgsky, á superioridade da «Khovantchina» sobre o «Boris». Longe estavamos, então de supôr que tão breve se ia revelar ao nosso publico uma das mais belas paginas da partitura: a introdução, acolhida com aplausos calorosos.

O «scherzo» do «Isar Saltan» em que muito se distinguiu o admiravel solista de flauta desta orquestra, mr. Gumerzindo Iglesias, é uma das mais perfeitas obras-primas de instrumentação do repertorio russo moderno, recebendo as honras de bis. A «Catalonia» de Albeniz fechou, num delirio de côr, a primeira parte.

A impecabilidade absoluta do naipe das cordas da orquestra Arlós, ou não fosse ele tambem um grande violinista, apareceu-nos no «Trio op. 8» de Beethoven, de modo a justificar o entusiasmo com que os seus seis andamentos foram recebidos.

Na «Aprés-midi d'un jeune» que Arlós interpretou com intensa expressão e que decididamente é a melhor invenção orquestral de Deboussy, tornou a brilhar a formosa qualidade de som do solista de flauta sr. Iglesias.

Agrada-nos entre toda a obra de Ravel o «Daphnis et Chloé» porque neste bailado o autor da «Heure Espagnole» não se deixa dominar pelo implacavel senso critico, pela excessiva preocupação aristocratica, que tantas vezes lhe estorvam o vôo lirico que possue tão natural, facil e generoso. A interpretação desta obra-prima da musica francesa de todos os tempos, foi sem duvida a mais notavel da noite, assim o entendendo o publico que a premiou com estrepitosas ovações.

Luís de Freitas Branco.

2.º concerto

O poema sinfonico «Vyschrad», de Smetana, valorisado por uma execução perfeita e uma interpretação cheia de sensibilidade, a «Valsa triste», de Sibelius, que Arbós dirige com emoção intensa, e o «Monte Calvo», de Munirgsky, dado com viva e rara poesia, ocuparam a primeira parte do programa.

Aguardavamos com interesse a segunda sinfonia de Brahms para apreciar o maestro Arbós numa das mais dificeis tarefas que podem incumbir a um regente.

Na musica moderna, nas obras orquestrais em que predominam os efeitos pitorescos, é mais facil ao director de orquestra brilhar, marcando a sua personalidade.

Em Brahms não ha exterioridades, a orquestração não é o fundo mas sim unicamente o revestimento da obra, é o meio de exprimir a emoção musical pura, a linguagem mais bela e profunda que se ouviu desde Beethowen, porque nela se aliam, como em nenhum outro compositor, desde o mestre de Bonn, a inteligencia, a razão e o sentimento.

Dirigindo a 2.ª de Brahms, Arbós atingiu, quanto a nós, o ponto culminante das suas realizações até hoje ouvidas em Lisboa, porque marcou com extraordinario relevo a sua personalidade, e fê-lo especialmente no mais serio e intenso dos quatro andamentos, no genial «Adagio», levando a obra no seu conjunto a um exito de publico, exito até agora não igualado para esta sinfonia, desde que ela se executa em Lisboa

No bailado «El Amor Brujo» Falla revela-se um dos primeiros, senão o primeiro, compositor de entre os vivos, não já de Espanha, mas do mundo. A interpretação que lhe dá Arbós é um assombro, provocando aplausos delirantes.

Esses aplausos repetiram-se com igual calor no fim da prestigiosa «Valsa» de Ravel, até agora a obra mais dificil que temos ouvido á Sinfonica de Madrid, e, tambem, uma das mais impecavelmente executadas e interpretadas.

Luís de Freitas Branco

Uma carta

Do nosso querido amigo e ilustre colaborador recebemos a seguinte carta, com o pedido de publicação:

Sr. director—Pedia-lhe a publicação do seguinte:

Vem sendo grandemente anunciado para o teatro de S. Carlos, tendo sido já adiado por causa do 18 de Abril, um festival organizado pelo maestro Rui Coelho, cujo programa musical, exclusivamente de sua autoria, tem uma terceira parte com um bailado «A Princesa dos Sapatos de Ferro», em colaboração com o arquiteto José Pacheco e comigo!

Trata-se da repetição do que em 1918, por iniciativa de D. Helena, filha dos ex.mos srs. marqueses de Castelo Melhor, fez parte do espectaculo que ficou celebre.

Quando o maestro Rui Coelho me participou o desejo de incluir este bailado no seu programa, recordei-lhe as varias exigencias da montagem e, sobretudo, da iluminação dos scenarios, e esforcei-me por não o deixar iludido acêrca de empresa tão dispendiosa e dificil. Mas o maestro Rui Coelho tomava, entretanto, a inteira responsabilidade.

Desde este momento iniciei os trabalhos da minha colaboração com esta unica condição: Se o bailado não fôr montado como é, não vai! De resto, é sempre assim que procedo. O que não está pronto, não está pronto!

Foi desta maneira que estive ao lado de Ruy Coelho para o seu festival, até ao dia em que tive a certesa de que o maestro tendo tomado por palavra a responsabilidade da montagem do bailado, estava afinal iludido ácerca da extensão e do valor dessa responsabilidade.

Abstenho-me de promenores concludentes sobre o que deixo dito e limito-me a tornar publico que o bailado ia subir á scena sem um unico ensaio de scenarios nem de luzes!

Aqueles que o sabem devem recordar-se que os scenarios de «A princesa dos sapatos de ferro», da autoria do arquiteto José Pacheco são os maiores que têm sido montados em Portugal e para a sua iluminação teve de ser reforçado pela primeira vez o cabo de electricidade do teatro de S. Carlos!

Informei e preveni o maestro Rui Coelho de maneira a não poder ficar surpreendido

Não posso compreender que um artista anunciando a sua obra, esqueça o respeito que deve á sua propria arte, e apareça em scena com um «passador» de cosinha, cheio de buraquinhos por onde «passa» tudo e onde não se aproveita nada!

Refiro-me, é claro, não á arte de Rui Coelho pela qual sinto estima e admiração, mas unicamente á falta de conhecimento do maestro Rui Coelho sobre a arte daqueles com quem tem necessidade de colaborar. Mais nada.

A satisfação que dou ao publico é retirar a minha colaboração na festa de Rui Coelho.

Agradecendo, etc.

Sexta feira, 24 de Abril de 1925.

José de Almada Negreiros

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Brigida de Leite Perry de Castro de Alarcão, D. Arcelina Valente Moreira (Taboeira) e D. Caridade de Goyel O'Neill.

E os srs.:

D. José Luis de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio de Mouro), Arnaldo Pedro de Figueiredo, Domingos Heitor Gomes, Nuno Frederico de Brion e Augusto de Vasconcelos.

A Caridade

«Florinhas da Rua»

E' esperada com verdadeira anciedade a tarde de domingo proximo, tarde em que se realiza no belo campo de obstaculos de Sete Rios, a anunciada festa hipica, organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, a favor das «Florinhas da Rua», havendo tambem as provas de «parelhas» e de «amazonas», para as quais continua aberta a inscrição.

«No pais do turismo...»

Prosseguem no São Luis, sob a direcção do actor Carlos Viana e do maestro Cruz Brás, respectivamente os ensaios do poema e musica da revista original dos srs. dr. João Saraiva e Antonio Carneiro (João Fernandes), que no proximo mês de Maio, deverá ser representada nesse teatro em recitas de caridade.

Casamentos

Para seu filho Artur Maria, foi pedida em casamento pela senhora D. Clemencia da Conceição Rocha Ramos, esposa do sr. Gabriel Maria da Silva Ramos, a senhora D. Celeste da Purificação de Oliveira e Silva, gentil filha da senhora D. Ana Izabel de Oliveira e Silva e do sr. Alexandre Ribeiro da Silva.

O casamento realizar-se-ha brevemente.

—Foi pedida em casamento pela senhora D. Adelaide Geelrey de Abreu e Lima, viuva do sr. Adolfo Ernesto Rubim de Abreu Lima e Sousa, para seu filho Vasco, tenente de infantaria 1, a senhora D. Elvira Eduarda de Serra Fernandes, interessante filha da senhora D. Ernestina de Serra Fernandes e do sr. Augusto Cesar da Costa Fernandes, já falecido.

O casamento deverá realizar-se ainda este ano.

—Realisou-se na igreja de S. Mamede o casamento da sr.ª D. Maria Emilia Rodrigues Monteiro interessante filha da sr.ª D. Antonia Rodrigues Monteiro e do sr. Manuel Monteiro proprietario no Rio de Janeiro (já falecido), com o sr. Americo Augusto Mendes, farmaceutico e abastado proprietario na Ilha de S. Tomé.

Paraninfaram no acto civil por parte da noiva a sr.ª D. Alzira Vieira Correia das Neves e seu esposo o capitalista sr. Fortunato Correia das Neves, e do noivo a sr.ª D. Lucinda da Conceição Pereira Graça e seu esposo sr. Alberto Graça, capitalista, e no acto religioso por parte da noiva a sr.ª D. Elisa Coelho da Silva e seu esposo o sr. Bartolomeu Rodrigues da Silva, funcionario publico tios da noiva, do noivo a sr.ª D. Lucinda da Conceição P. Graça e o sr. Alberto Graça.

Finda a cerimonia religiosa durante a qual foram executados no orgão varios trechos de musica sacra, foi servido um finissimo «lunch», da Pastelaria Garret. Os noivos partiram para o Estoril, partindo brevemente para o estrangeiro. Na «corbeille» viam-se prendas de subido valor.

Nascimentos

A senhora D. Laura de Faria de Saraiva Lima, esposa do sr. dr. Jaime de Saraiva Lima, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filho estão de perfeita saude.

—Teve ha dias a sua «delivrance», dando á luz uma robusta criança, a senhora D. Beatriz Guedes Pacinha Contreiras, esposa do distinto clinico dr. Ascenção Contreiras.

Mãe e filha encontram-se bem.

Pontos de reunião

No Campo Pequeno

Assistencia elegante á corrida de ontem em que tomou parte o notavel espada Sanches Mejias:

Viscondessa de Silvares, Condessa de Carnide, D. Conceição de Casal Ribeiro Ulrich e filha, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Carlota de Almeida Centeno Gerjão Henriques e filhas, D. Julia de Araujo, D. Celeste Ferreira do Amaral Tavares de Carvalho, D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda, D. Justina de Melo Lobo da Silveira Sepulveda de Figueiredo, D. Elisa da Camara Leme de Serpa, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Natalia dos Reis Torgal, D. Maria da Natividade Abreus de Novais, D. Maria Carlota, D. Maria de Oliveira e Sousa (Rio Maior), e D. Maria Henriqueta Luz da Gama, etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» amanhã de tarde nas «matinées» de Salão Foz e Cinema Condes e á noite no Nacional, 7.ª recita de assinatura, e estreia no teatro como autora dramatica da sr.ª D. Fernanda de Castro e Quadros Ferro, no S. Luiz, festa artistica de Vasco Sant'Ana, com a peça «A Bayadera»; no Coliseu dos Recreios, festival promovido pela Casa dos Jornalistas e no Tivoli, sessões da moda.

Em viagem

Do Palace do Bussaco, regressaram os srs. Condes de Vill'Alva.

—Para o Mont'Estoril, partiu com sua esposa a sr.ª D. Maria Teresa Pressler Pinheiro Chagas e suas gentis filhas, o sr. Alvaro Pinheiro Chagas.

—Na proxima quarta-feira parte para Holanda e Italia o sr. Dr. Rafael de Saldanha Marreca Franco.

—Regressou da Chamusca, o sr. Carlos Amaral Neto

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«O Abade Constantino».
Trindade—A's 21—«As Tangerinas Magicas».
S. Luis—Não ha espectaculo.
Avenida—Não ha espectaculo.
Politeama—Não ha espectaculo.
Apolo—A's 21,30—«Tirotiro».
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20,45—Variedades.
Salão Foz—A's 20,45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Rocio—Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Gam[illegible]—Quartas, quintas, sabados e domingos

MOÇAMBIQUE EM FÓCO

O que vale o porto de Lourenço Marques

E AS COMPENSAÇÕES A QUE TEMOS DIREITO

por parte da União Sul Africana

LOURENÇO MARQUES, março. —Ha longos anos que se debate em Moçambique um problema de importancia capital para a vida da provincia: a questão do porto de Lourenço Marques. A nossa administração ultramarina, no que diz respeito á Africa Oriental, pode dizer-se que se tem resumido quasi exclusivamente ás obras do porto que estão directamente ligadas ao caminho de ferro.

Vive-se para o porto, sonha-se com o porto, trabalha-se a toda a hora para o porto. De tal sorte, que o seu apetrechamento hoje é modelar. Para os fins que se têm em vista, pode considerar-se um dos melhores do mundo. Como porto carvoeiro, ocupa em relação ao Transvaal e á Swazilandia o papel que Cardiff desempenha para a região carbonifera do país de Galles.

As despezas que se fizeram foram grandes, é certo. Ha mesmo quem as classifique de exageradas. Cada pedra do seu longo cais acostavel—dizem alguns velhos colonos que eu ouvi—podia ser hoje pesada a oiro.

Mas a verdade é que nos podemos orgulhar de possuir actualmente o primeiro porto da Africa do Sul. Tanto em condições naturais, como no trabalho que depende da mão do homem.

Posto de lado o Cabo da Boa Esperança, pela distancia enorme que o separa da região mineira do Transvaal; excluindo pela mesma razão Port Elisabeth e East London, temos que contar apenas com a concorrencia de Durban, cuja situação geografica não se pode comparar de maneira alguma com a de Lourenço Marques.

E' certo que os sul-africanos procuram por todos os meios desviar o trafego para o Natal, com manifesto prejuizo do nosso porto. A guerra de tarifas é implacavel. A Africa do Sul tem Lourenço Marques atravessado na garganta. Protocolarmente, na linguagem amavel usada pela diplomacia, os *afrikanders* dizem-se os nossos melhores amigos. Na realidade, são os nossos peiores inimigos.

Mas por muito renhida que seja a luta de interesses que se debate entre Moçambique e a União, o que eles não conseguem destruir é a maravilhosa situação geografica de Lourenço Marques. O que eles nunca poderão alterar—por maior que seja o poder do homem sobre a Naturesa—é o perfil deste vasto continente, cuja historia anda intimamente ligada á nossa gloriosa historia da Renascença. E já o tentaram. As experiencias feitas em Algôa Bar, no territorio do Natal, para construir um porto que fizesse concorrencia ao nosso, ficaram muito áquem dos resultados que se esperavam. Com o emprego de estacas, conseguiram obter uma pequena area de aguas tranquilas, insuficientissima para aquilo que se pretendia. Os criticos afirmam que a ondulação do largo só por fortes estruturas póde ser combatida.

A baia de Santa Lucia, para onde se voltaram num dado momento as esperanças da Africa do Sul, iludiu tambem as melhores espectativas.

Os nossos visinhos tiveram que aceitar, portanto, Lourenço Marques como um dogma. A situação do nosso porto e as vantagens que ele oferece á navegação e ao comercio do Transvaal não se discutem, aceitam-se.

Servindo um vasto *interland* que abrange o coração da Africa Austral, a antiga baía *de la Góa*—cujo nome os ingleses trataram de inglesar, chamando-lhe *Delagôa Bay*—deve, fatalmente, ocupar o primeiro logar no sistema economico da União. As suas condições naturais permitem que os navios entrem e saiam com todo o tempo, sem correr o menor perigo. Já não sucede o mesmo com Durban, cuja barra está frequentes veses fechada á navegação.

Mas lancemos os olhos sobre o mapa e vejamos o que se passará dentro de pouco tempo.

O prolongamento da linha Pretoria-Pietersburg na direcção norte até á fronteira da Rodhesia—perto das minas de cobre de Messina—e a ligação da linha de Selati á de Pretoria-Pietersburg hão-de concorrer, naturalmente, para o desenvolvimento de uma vasta região mineira, cujo trafego será canalisado para o porto de Lourenço Marques.

Ao mesmo tempo, está já em exploração um caminho de ferro na direcção sueste de Bulawaio ás minas de ouro de Gwanda e pouco falta para que esta linha seja prolongada até aos campos carboniferos de Tuli, na margem norte do Limpopo, a pequena distancia de Messina. Logo que esta rêde ferroviaria seja completada, teremos uma comunicação directa entre Bulawaio, no norte, Pretoria e Johannesburg, no sul, e Lourenço Marques, no sueste, pela linha de Selati.

Toda a vasta região abrangida por aquelas linhas ferreas entrará, fatalmente, na zona Comercial de Lourenço Marques, devendo aumentar consideravelmente o trafego pelo territorio português.

O futuro reserva, portanto, ao nosso porto um papel preponderante no sistema economico da Africa do Sul. Mas a verdade é que o presente não é brilhante para nós. A situação actual não se pode manter. Ou assinamos o acôrdo comercial com a União, ou rescindimos o *modus vivendi*. Porque no estado actual das nossas relações, ela disfruta todas as vantagens do convenio—aquelas que se referem á mão de obra indigena para as minas do Rand—sem nos dar em troca a mais pequena compensação. A situação é comoda para os nossos visinhos, na verdade, mas não convem de forma alguma aos interesses portugueses.

* * *

Para provar o que fica dito ácerca das vantagens do porto de Lourenço Marques, basta apenas consultar a estatistica da navegação referente ao mês de dezembro de 1924.

Emquanto a tonelagem entrada no porto de Durban não vai além de 11:167, aquela que entrou em Lourenço Marques no mesmo periodo sobe a 14:737. O nosso porto figura com uma percentagem de 49,47 em todo o movimento de mercadorias que se faz pelos portos da Africa do Sul. A diferença consiste apenas na distinção entre produtos ricos e produtos pobres. Considerando o trafego de mercadorias sob este aspecto, Durban ocupa o primeiro logar com 5:658 toneladas do primeiro grupo e 5:509 do segundo, emquanto que Lourenço Marques figura na estatistica, respectivamente, com os seguintes numeros: 5:441 e 9:296.

No estudo da nova convenção, além da percentagem de trafego que temos o direito de exigir para o nosso porto (aproximadamente de 4/5 de todo o movimento da zona de competencia) em troca das vantagens que concedemos á União, devemos assegurar a garantia de uma certa percentagem no trafego dos produtos ricos.

Ha quem defenda — e talvez seja esta a boa doutrina — em vez do sistema de percentagens, que os nossos amigos têm sempre maneira de iludir em prejuizo de Lourenço Marques, quantidades fixas e indemnizações em dinheiro. Supomos que foi este o criterio adoptado na proposta do convenio apresentada em Londres e sobre a qual a União se deve pronunciar dentro de pouco tempo. Da habilidade com que forem conduzidas as negociações, por parte do governo português, depende em larga escala o futuro da provincia.

Norberto Lopes.

A Cidade

Chá das cinco

Primavera

Estão as arvores cheias de ternura. Onde foi um galho seco, ha agora um ninho. Começa assim a primavera, como um scherzo musical que percorresse o vestido azul dos rios, que cantasse no ceu contente, brotando uma rosa vermelha em cada coração apaixonado. Não ha estrada que não palpite á luz, carinhosamente, como se a vida a tocasse de beleza e de emoção.

Abrem-se os jardins, encharcados de perfume; são de prata as curvas dos repuxos, na boca dos leões vencidos, e os cisnes, nos lagos, são como nenufares, misteriosos e inquietos, encerrados no mesmo calice de petalas ou de alabastro. Os corpos de mulher são tropicais de desejo, imperiosos como a boca de Salomé, ensanguentada de crime, descendo em labareda sobre os labios que o profeta envenenou de castidade e de renuncia...

Beijo de luz, na mancha clara do ceu, estorcegando as seivas, sarando as feridas, dando um perdão de ternura a todos os olhos, exaltando o ritmo sagrado das estatuas, afilando o perfil das catedrais, pondo brazeiros de pedrarias nas janelas envidraçadas de fogo... Clarins de côres; cantigas que começam agora á flôr dos rios e depois lá vão, mar em fora, na alma dos emigrantes, abraçando a terra e o mundo com a saudade luziada. E' assim a primavera... Apenas um beijo. Apenas uma rosa que eu coloco no teu peito, para que ela beba as tuas lagrimas, para que ela abafe os teus soluços, para que ela seja irmãsinha da tua boca, que ainda sabe cantar o maior amor da vida!

Não chores mais, meu amor! Não vês que cada lagrima tua é uma estrela que se apaga? Para que encheres de luto o céu, que é o teu paraizo e a minha alma, que é o teu coração?

Artur Portela

Lucrecia Torralba

vem brevemente a Lisboa

Deve chegar brevemente a Lisboa a encantadora bailarina e fina coupletista espanhola Lucrecia Torralba, contratada pelo «Bal-Tabarin», da Rua da Gloria, para uma serie de espectaculos que devem marcar, pelo encanto e atracção da celebre «tonadillera» que nos palcos do país visinho tão aplaudida tem sido.

As três andaluzas que ali têm debutado com geral agrado, despedem-se por estes dias.

O «Bal-Tabarin», devido aos ultimos acontecimentos, está aberto desde as 5 horas da tarde á meia noite, o que não tem prejudicado a concorrencia ao elegante e vasto salão de divertimentos.

O TEATRO PORTUGUEZ

Estreia-se ámanhã á noite no Teatro Nacional o drama "Naufragos,, de Fernanda de Castro

Fernanda de Castro não é um homem de letras. E' uma mulher de letras. Esta distinção que, a espiritos superficiais, pode parecer

FERNANDA DE CASTRO

aparente e mesmo paradoxal — é, no fundo, a razão, o motivo, a beleza, o fulgor, a elegancia literaria e artistica de Fernanda de Castro.

Senhora e não mulher — a autora da *Cidade em Flôr*, apesar de ter o seu nome ligado a Antonio Ferro, jornalista brilhante, conserva toda a sua independencia, toda a sua frescura e toda a sua originalidade. Vive por si — está nisto o seu mais vivo elogio.

D. Fernanda de Castro faz-nos as confissões de autor dramatico, a vinte e quatro horas da estreia e, certamente, de sucesso.

—*Os Naufragos* são uma peça passada no Algarve, vivida no Algarve...

—Subjectiva? Simbolista? Moderna?

—Nada disso! E' uma peça feita sobre as regras consagradas. Um caso interessante posto em teatro, que ha três anos escrevi, numa vilasita perto de Portimão...

—E que alterou agora...

—Nem uma linha. Dei nela o maximo. Julgo que tem intensidade dramatica, sem preciosismos romanticos...

—Teatro forte...

—A expressão deve ser exacta. Tinha duas soluções. Uma — era a minha. A outra — ensinou-ma o povo, na bcca sincera de dois pescadores. Contei-lhes a minha peça. Ouviu-os discutir. E concluiram. Aproveitei essa conclusão.

—O ambiente da peça...

—Criou-o Leitão de Barros sobre scenarios interessantissimos de luz, feita côr.

—Então, amanhã...

—Terei que ir ao palco do Nacional encarar o publico.

—Que decerto a aplaudirá...

—Aplaudindo antes os interpretes dos *Naufragos*. Estou satisfeitissima com todos. Vivem com relêvo e intensidade a minha peça. Ha que agradecer-lhes.

Fechou a entrevista. Duas linhas mais de noticia. *Naufragos*, que sobe amanhã á scena no Nacional, mesmo que o sucesso do publico a queira no cartaz, tem as suas representações cortadas no dia 4. Não por culpa de Lino Ferreira, um dos mais inteligentes empresarios da nossa terra, mas por compromissos tomados anteriormente, visto que a companhia do Nacional tem que seguir para o Porto. A peça *Naufragos* reaparecerá pois, no Inverno, já consagrada pela capital do Norte.

"FOOT-BALL,,

O DESAFIO DE ONTEM

Sporting-Bemfica

Para os que assistem aos desafios de «foot-ball» como «dilettantis», o encontro de ontem entre o Bemfica e o Sporting esteve longe de ser um bom desafio. E não deixa de ser curioso que, depois do «match», a maior parte dos espectadores parecia ser constituida por «dilettantis».

O maior mal do jogo de ontem foi, para os partidarios «verdes» e para os partidarios «vermelhos», o do empate como resultado. O Bemfica havia feito uma segunda volta brilhantissima, obtendo três nitidas vitorias com oito «goals» a favor e nenhum contra. Os três jogos feitos pelos «leões» nessa volta tinham tambem sido traduzidos por três vitorias. Os partidarios duns e doutros sentiam-se, por isso, com direitos a reivindicar para o seu favorito um fecho de ouro.

Os «sportinguistas» foram os mais surpreendidos. Diziam alguns: —«Mas... que tem hoje o Sporting? Não parece o mesmo!»

O Sporting tinha, muito simplesmente, deante dele, um grupo «qui avait du coeur...»

O ponto fraco do Sport Lisboa foi a sua linha media, em que só Vitor Gonçalves se salvou. Se maior tem sido o rendimento dessa formação — e tal não era dificil — os «encarnados» ter-se-hiam imposto, independentemente do «score» possivel.

Quanto aos «verde e branco» — ha tres desafios que eles nos desiludem. Apenas a sua parelha de defesa, em que Ferreira brilha como estrela de grandeza maxima, mantem uma forma incomparavel.

E' certo que o jogo de «foot-ball» sofreu nestes ultimos tempos, entre nós, uma evolução sensivel. Pode o Sporting orgulhar-se de ter iniciado essa evolução? Cremos que sim.

Mas parece que os seus elementos já desdenharam desse seu novo elemento de exito. Confinaram-se nesse principio de sciencia: — a evolução parou!

Podia explicar-se aqui, como e porquê, isso sucede. Teriamos, porém, que ferir uma nota desagradavel ao amor proprio de homens que ha anos defendem a bandeira do seu club...

TAUROMAQUIA

DEVE baixar o imposto sobre as "cuadrillas,,

dos matadores de touros

Antes de mais nada, uma observação que ontem andava na boca de todos os «aficionados»:

—E' preciso acabar com o imposto excessivo sobre os peões dos matadores.

Como se sabe, por um matador, paga-se 5 0|0 do produto da corrida. Mas, se trouxer mais peões, paga-se mais 10 0|0. Daqui resulta, para os organizadores das corridas, a impossibidade de contratar mais que o espada. E daqui resulta que, por deficiencias dos nossos peões, ou por não estarem habituados á «maneira» dos matadores, os toiros não têm a devida preparação, o que ocasiona demoras, falta de brilho na lide, e, por vezes, lamentaveis precalços.

* * *

Mas vamos á corrida de ontem no Campo Pequeno:

O primeiro Coimbra que recebeu de Rufino 2 ferros, era bem apresentado, mas pedia «puntas de fuego», ou melhor — charrua...

No segundo, Inacio Sanchez Mejias, depois duma serie de veronicas, cravou quatro pares, todos eles no seu estilo valente e emocionante. Com a muleta, fez o que permitia o bicho que foi bem pegado de cara por Matias Leiteiro.

O terceiro — o menos mau da corrida, foi para Simão da Veiga Filho, hoje o mais alegre e o mais popular dos nossos cavaleiros. Simãosito, cravou três ferros compridos bons e um par colossal de bandarilhas. A certa altura, o cavalo ia-se chapando. Mas o «jinete», serenamente, aguentou, rematando com meio par á estribeira. Entusiastica ovação. E, presos o publico e o cavaleiro daquela emoção que só têm certos momentos da festa, dali por deante Simãosito cravou uma serie de curtos e de bandarilhas que levantaram a praça. Sanchez Mejias toureou de muleta — e no fim tiveram os dois uma enorme ovação.

No quarto, Sanchez Mejias, com o capote, esteve muito bem. Cravou alguns pares de bandarilhas, mas faltando-lhe os seus peões, teve ele, por vezes, que preparar, com o capote, o toiro para as sortes. A certa altura, foi colhido, fazendo um pino ginasticamente certo. E foi, então, que Inacio se apoderou definitivamente do publico. Maguado e irritado na sua «verguenza» toureira, pegou no capote, castigou o toiro, cravou um par no seu estilo, junto ás taboas e rematou com uma valente «faena» de muleta, valendo-lhe tudo isto uma ovação delirante. O forcado Antonio Pé Chéri vingou Mejias, obrigando o toiro a fazer um pino igual ao do «diestro».

O primeiro toiro da segunda parte recebeu de Rufino varios ferros á garupa. E como o cavaleiro arriscasse muito a montada, esta foi fortemente colhida, felizmente sem consequencias.

No sexto toiro, Mejias bem com o capote. Crava um bom par a quarteio. O toiro salta a trincheira, sobre ele, e magoa-o bastante. Inacio, coxeando, tem cinco grandes pares e, com a muleta, domina o toiro e o publico, que no final lhe faz uma entusiastica ovação de despedida. Pilé faz uma boa pêga de cara.

Simãosito, no sétimo, que espera á saida do «chiqueiro», cravando, tenta tres vezes por terrenos cambiados. Luta com o cavalo e com o toiro. Consegue vencer a montada, mas o toiro é invencivel de medo, e foge para o «chiquero» mal lhe abrem a porta.

No ultimo, Custodio crava tres pares bons, e Agostinho dois, sendo o toiro bem pegado de cara.

Na direcção, Manuel dos Santos, inteligente como sempre.

El Terrible Felix.

A corrida de Alter

ALTER DO CHÃO. — Viterinos codicioses. D. Alexandre, D. Vasco e o menino Henrique Sales grande tarde. Bandarilheiros bem, havendo quatro pegas enormes. Praça á cunha. —(E.)

A Cidade

UMA "PREMIÈRE,,

SOBE
amanhã
á scena
no Teatro S. Luiz
a opereta "Bayadera,,

E' amanhã que, no Teatro de S. Luiz, se realiza a primeira representação desta celebre opereta, que o publico de Lisboa já deve conhecer por ter sido representada pelas Companhias Italianas «Marion-Odette» e «Léa Candini».

Tendo constituido o ultimo grande sucesso da Austria e Alemanha, esta opereta impõe-se a todas as suas congeneres pelo seu entrecho original, belamente preparado e conduzido, e ainda e principalmente pela beleza admiravel da sua musica.

O seu autor, Emmerich Kalman, é um dos mais admirados e conhecidos compositores da Austria, onde é justamente considerado o rei da valsa e do «fox-trot», e que, com Franz Lehar, Oscar Strauss e Léo Fall forma essa brilhante pleiade musical que nos tem proporcionado os mais agradaveis momentos de prazer espiritual.

Vasco Sant'Ana, que ás suas qualidades de todos conhecidas alia uma grande e esmerada educação artistica, quiz proporcionar aos seus numerosos amigos uma noite de verdadeira arte e conseguiu, de acordo com Armando de Vasconcelos, o emprezario moderno e arrojado, temperamento sublime de artista e incontestavelmente o nosso primeiro «metteur-en-scène» fazer representar pela primeira vez em lingua portuguesa, na sua festa a já celebre «Bayadera».

Mas, mais atractivos tem ainda a festa de amanhã. Alice Pancada, a nossa brilhante cantora fará a «Bayadera» e nada mais se dirá, sabendo-se que vai interpretar o papel de «Odette Darimonde», que em Viena de Austria foi criado por Christl Mardayn.

Sales Ribeiro, tem de se haver com a dificilima parte do «Principe Rajah de Lahore» e temos a certeza que como cantor e como actor, se sairá brilhantemente o nosso simpatico e distinto galã de opereta.

A cargo de Carlos Viana, está um dos papeis comicos da peça, «La Tourette» e dele esperamos o brilho e a probidade artistica que Viana imprime a todas as suas personagens.

E ainda José Vitor, Sebastião Ribeiro, Mario Campos, Armando Rodrigues, Antonio Paiva, Matos, etc., todo esse brilhante conjunto que Armando de Vasconcelos superiormente dirige com o criterio e proficiencia já conhecidos e que primorosamente encenou a peça.

Mas ha ainda que dizer. Na festa de amanhã, estreia-se a nova actriz Virginia Neves que dispondo de voz e de grande vocação para a scena, muito ha de valorizar o papel da travessa «Marieta La Tourette» que lhe foi confiado.

Outra estreia haverá. Mario Barros e Arnaldo Brandeiro, dois rapazes bastante conhecidos no meio teatral, traduziram a «Bayadera», e a avaliar pelo que ouvimos, é facil prever que triunfem, tanto mais que póde dizer-se afoitamente ser a traducção de «A Bayadera» uma prova de exame.

Julgamos desnecessario dizer que Vasco Sant'Ana tem na peça um dos principais papeis. Diremos, no entanto, que ficou a seu cargo o papel do «Marquez Napoleão de Saint-Cloche», personagem que ficará como uma das melhores criações desse excelente rapaz e admiravel artista para quem o futuro reservará noites de grande gloria, se continuar sempre assim a servir a Arte, sua unica e grande paixão.

UMA QUESTÃO DE ARTE

Foi preso
a seu pedido
Almada Negreiros
por não querer bailar
no Teatro de S. Carlos

Almada Negreiros no calabouço? Póde lá ser!

Apesar da nossa teima em não acreditarmos—fomos obrigados a acreditar, mal entrámos no Governo Civil. Nada mais convincente do que a evidencia dos factos.

Tinham-nos dito que o original pintor modernista, inteligencia viva da moderna geração, estava no calabouço 4. Procurámol-o, pois, aí—gritando o seu nome para as grades:

—Almada Negreiros.

Os presos quasi em unisono:

—Foi para os quartos particulares. E o nome de Almada vivia em todas aquelas bocas como se fosse o nome dum companheiro antigo. Nada como dormir num calabouço, de parceria com «dilettantis» do crime, para se crearem solidariedades.

Uma mulher, o braço pendente duma das grades, cantarolava uma cantiga perdida. O amor, o amor livre enchera-lhe a cara de feridas e metera-a no calabouço. A desgraçada cantava—muito longe dali...

* * *

Nos quartos particulares, que deitam para uma especie de sala de entrada, onde chega o cheiro nauseabundo dos calabouços, Almada conta-nos o episodio dramatico-lirico que o levou á prisão. Bem disposto, com aquele sorriso largo que todos lhe conhecemos, mostrando o dourado da dentadura, Almada vinha de ser fotografado, de frente e de perfil, pesado e medido, como é da praxe, a par das impressões digitaes. O seu unico desgosto consiste em ter mostrado uma peuga rôta.

—Então, que o trouxe aqui?

—A minha vontade.

—Essa agora! Ponha o futurismo de lado...

—Não é futurismo. E' a verdade. Estou aqui porque me entreguei á prisão.

—Não percebemos nada.

—E' claro como agua. Você sabe que o Rui Coelho realisou ontem a sua festa. Ora eu devia ter entrado nessa festa—no *Bailado da Princeza dos sapatos de ferro*. Devia ter entrado—mas não entrei. Faltei, por isso, a um contrato. Logo, entreguei-me á prisão. E' da lei.

Almada puxa por um cigarro inglês, oferece á gente, e continua:

—Dormi no calabouço 4. Dormi, não. Velei por mim. Mas não me senti mal. Boa gente. Almas desgraçadas. A vida tem que ser vista nos calabouços.

—Depois...

—Depois passaram-me para os quartos particulares. Mas foi preciso que teimassem. Tenho saudades do calabouço.

—Mas porque não reprsentou V.?

—Porque tinha dito ao Rui isso mesmo. Palavras textuais: só entrarei no bailado se ele fôr levado como eu entendo que deve ser. De resto, procedo sempre assim em todos os actos da minha vida. No sabado, mandei para o *Diario de Lisboa* e para o *Diario da Tarde* uma carta explicando a minha atitude. Nem um nem outro a publicou. Paciencia.

—O *Diario de Lisboa* publicou um eco.

—Sim—mas eu preferia que tivesse publicado a carta. De resto, o Alvaro prometeu-me.

—Sai hoje. E agora?

—Não sei. Não peça nada a ninguem. Estou preso á face da lei.

—O Rui Coelho já cá esteve?

—Já. Veiu cá ontem, de frack, a fumar charuto. Disse-me que tinha a consciencia tranquila e falou-me dos filhos. O Rui tem uma maneira especial de consolar os presos. Entende que eles ficam felises falando da sua felicidade. E' uma maneira de ver como qualquer outra. Não lhe levo isso a mal.

E num desabafo de intima senceridade:

—Sabe V. uma coisa? Os calabouços ensinam muito á gente. Sairei daqui com uma resolução muito firme—inabalavel como uma rocha.

—Essa resolução...

—E' a seguinte: não voltarei a aparecer em publico, como artista. Suceda o que suceder, nunca mais. Você, que me conhece, sabe bem que eu sou homem para isso. Estou cheio, estou farto, estou até aqui... Urge fazer a vida por outro lado. Se eu arranjasse a ser feitor duma quinta...

—Isso passa-lhe. Você não deve exagerar.

—Não, não passa. Eu sou assim: Como os garotos, quando se zangam, «assim não brinco». E verá que não volto a brincar.

Os acontecimentos
da semana passada

A' ordem do sr. comissario geral da policia, encontram-se presos já ha dias alguns individuos conhecidos pelas suas ideias avançadas, acusados de terem tomado parte no recente movimento revolucionario.

Por suspeita de estar envolvido nos ultimos acontecimentos, foi hoje preso pela P. S. E. o sr. Manuel Marques de Figueiredo, presidente da junta monarquica da freguesia do Castelo

E' o agente Gonçalves, ao serviço da P. S. E., que está encarregado das investigações ácerca das noticias falsas enviadas para os jornais estrangeiros.

O mesmo agente tem ouvido os depoimentos de varios correspondentes.

CHEFE DO ESTADO

O sr. Presidente da Republica recebeu hoje, no Palacio de Belem, em audiencia particular, os membros do Conselho Superior de Finanças.

Ainda as "visitas"
ás casas bancarias

Foram hoje enviados para o tribunal da Boa Hora, José Pereira Gomes, o «Avante», e João Ferreira, o «João Estofador» acusados de terem tomado parte nas «visitas» ás casas bancarias, com o fim de apanhar dinheiro aos seus gerentes.

O padeiro
que agrediu um caixeiro a tiro

Até á hora a que escrevemos, não foi interrogado na policia de investigação o padeiro Januario Braz Rodrigues, que ontem numa padaria da rua Pascoal de Melo disparou cinco tiros contra o caixeiro José Placido da Silva.

Colhida por um comboio

Proximo da estação do Setil, foi esta manhã colhida pela maquina do comboio de mercadorias n.º 2005 a mãe do agulheiro da referida estação.

A infeliz seguiu numa maca no comboio 10 para Azambuja, a fim de ali ser observada pelo medico da secção.

Pelos teatros

Chevalier e Vallée

E' já, na quinta feira que se estreia no São Luis o celebre artista parisiense Maurice Chevalier, criador das operetas «Dédé» e «Phi-Phi» e o unico actor que lança em Paris todos os «refrains» de Vincent Scotts, Christiné, Maurice Ivan e outros compositores de fama no genero alegre e popular.

Ao lado de Chevalier trabalhará a estrela mais jovem e mais graciosa das revistas Yvonne Vallée, excentrica em todos os seus gestos e original nas suas danças. Completando os espectaculos de «music-hall» aparecerão tambem a «tonadilera» Paquita Alcovar, outra interprete famosa mas da canção triste e sentimental espanhola e miss Carroel, celebre nas suas criações inglesas e americanas.

Guilhermina Suggia

A Sociedade do Teatro de S. Carlos, seguindo a orientação artistica e levantada que tem presidido á sua acção no nosso primeiro teatro, proporciona ámanhã a todos os seus societarios e ao publico amador de arte da capital mais um belissimo e raro mimo musical. Associa na mesma audição a celebre violoncelista portuguesa Guilhermina Suggia e a consagrada Orquestra Sinfonica de Madrid.

O nome musical de Guilhermina Suggia é bem conhecido em toda a parte do mundo por corresponder a uma das maiores «virtuoses» de todos os tempos e a orquestra com a grande figura do seu regente Arbós ainda presentemente nos tres concertos que acaba de efectuar em S. Carlos confirmou a sua enorme reputação de um dos primeiros agregados de artistas actuais.

A epoca de verão

Por um acordo entre os empresarios Erico Braga e Ricardo Jorge, a companhia Lucilia Simões irá dar uma serie de representações ao teatro S. Luis interpretando unidamente o genero revista. Os espectaculos que se realizarão durante o mês de junho devem ser completados com a apresentação de algumas celebridades estrangeiras. A grande actriz Lucilia Simões irá descançar durante esse tempo para Paris, voltando em julho para se iniciar uma larga «tournée» pela provincia até ao mês de Setembro.

Atrás do reposteiro

A companhia Lucilia Simões-Erico Braga, que deu três recitas no Teatro Rosa Damasceno, de Santarem, com as peças «Ninho de aguias», «Mademoiselle Pascal» e «Signal de alarme», partiu hoje daquela cidade para Coimbra, onde representará segunda, terça e quarta-feira reaparecendo no Teatro de S. Carlos, na quinta-feira, com a «reprise» de «O Signal de Alarme».

—Está marcada para a proxima quinta-feira a inauguração do novo teatro Joaquim de Almeida, á Praça do Brasil, com a representação da peça de Julio Dantas, «A Severa», desempenhando Palmira Bastos a protagonista e Gastão Alves da Cunha o «Conde de Marialva».

—O elenco da companhia dirigida pelo dramaturgo Alfredo Cortez é assim constituido: Adelina Abranches, Ester Leão, Maria Sampaio, Beatris Delgado, Gil Ferreira, Clemente Pinto, Antonio Sacramento, Theodoro Santos e mais tarde Alfredo Ruas.

A inauguração deve realizar-se no Teatro Avenida no dia 16 de Junho.

—Reaparece ámanhã, no Politeama, a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que vem de realizar espectaculos em Setubal, Evora e Extremoz.

—Estão quasi concluidos os ensaios da opereta-revista brasileira «A capital federal», que vai ser representada no Trindade e á qual se seguirá a revista «Ditosa Patria», de Luis d'Aquino, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues.

—Foi alugado o Coliseu dos Recreios, para junho ou julho, a fim de se fazer, por conta de uma empresa que acaba de constituir-se, uma exibição muito extraordinaria, aproveitando a sua vasta pista e o seu enorme palco.

—O quadro da comedia da revista «Rataplan», que sobe á scena, no Maria Vitoria, na proxima semana, é uma «charge» passada em casa de uns noivos, durante o ultimo movimento revolucionario.

—O actor Joaquim Almada, da companhia Lucilia Simões, realiza a sua festa, brevemente, com a peça «Sinal de alarme».

—Continua percorrendo o Alemtejo a companhia Alda de Aguiar, que amanhã trabalhará em Elvas, seguindo depois para Borba, Redondo e Moura e começando a percorrer o Algarve nos primeiros dias de maio.

—No Eden Teatro fazem depois de amanhã as suas despedidas as quatro «girls» inglesas e as artistas espanholas Marina Sierra e Pilar Netra. No dia 30 Grande Festival Russo, pela Troupe Eltzoff, que faz todo o espectaculo, e no dia 1 estreia da celebre Troupe Belga Chatan.

—Anita Polar e Luisita Fierrer apresentam hoje novos numeros, no Alhambra.

Companhia Geral de Seguros

Assembleia Geral

Em virtude do actual estado de suspensão de garantias, pelo presente anuncio são avisados os Srs. Acionistas desta Companhia que a Assembleia geral convocada para o dia 29 do corrente fica adiada para data que se anunciará oportunamente.

Lisboa, 25 de abril de 1925.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Safira Dolores da Silva Pelagio

FALECEU

José Pereira Pelagio e sua esposa, José Agostinho da Silva e sua esposa, filho, genro e neto; João Pereira Pelagio e sua esposa, filho, nora e neta; Ricardo Pereira Pelagio, sua esposa e filhos; Maria Pelagio Leote, seu marido e filhos; Beatriz da Silva Rosa e seus irmãos, participam ás pessoas de suas amisades e relações o falecimento de sua querida, chorada e nunca esquecida filha, neta, sobrinha e prima, Safira Dolores da Silva Pelagio, cujo funeral se realiza amanhã, 28, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, Avenida Almirante Reis, 123, r/c. D., para o cemiterio oriental.

ESTRANGEIRO

ALEMANHA

A eleição DE HINDENBURGO para Presidente da Republica

provoca grande regosijo em Berlim

BERLIM, 27 — O marechal Hindenburgo foi eleito presidente da Republica alemã por 14.639:399 votos.

Marx teve 13.740:489 e Thalmann (comunista) 1.789:420. Outros candidatos conseguiram 21:910.

Os conservadores não ocultam o seu regosijo.

Os elementos da esquerda dizem que a eleição do Presidente Hindenburgo não representa uma força superior dos conservadores porque grande numero de votos foram dados ao marechal devido ao prestigio pessoal que ele tem na Alemanha.

E' possivel que a politica Alemã vá de hoje para o futuro oferecer muitas surpresas.

Nos centros nacionalistas ha grande jubilo, vendo-se muitos automoveis, com nacionalistas e oficiais, adornados com a bandeira imperial e com os emblemas dos Hohenzollern.

Marx teve a consolação de ter ganho a maioria de Berlim, por muitissimos votos. Leipzig, por seu turno, deu a maioria ao marechal Hindenburgo por cincoenta mil votos.

Todos os monarquicos votaram em Hindenburgo e o prestigio do velho marechal é tanto, que muitos operarios, antigos soldados, votaram nele, ao contrario do que esperavam os partidarios de Marx e do candidato comunista. A gigantesca figura do salvador da Prussia Oriental apagava por completo a personalidade de pouco rel vo do dr. Marx.

Os jornais que defendiam o dr. Marx cometeram o grave erro de em vez de fazer politica e de apresentarem as vantagens que adviriam para a Alemanha da eleição do seu candidato, lançarem-se numa campanha de ataque ao marechal Hindenburgo, cujo prestigio patriotico era dificil de abalar.

Os monarquicos

vão agora dirigir a politica alemã

A eleição do marechal Hindenburgo não significa, é claro, que em breve se vá implantar a monarquia na Alemanha, mas significa para os monarquicos que serão eles quem vão dirigir desde agora a politica interna e externa da Alemanha.

Contudo, o marechal Hindenburgo não parece estar disposto a servir de joguete a qualquer partido, tendo já recusado aceitar as indicações do almirante von Tirpitz, acêrca da nomeação dum novo secretario de Estado.

O marechal Hindenburgo parece desejar exercer uma acção pessoal e independente na politica alemã. — (R.)

Ludendorff

vai auxiliar Hindenburgo

MUNICH, 27.—O marechal Ludendorff declarou, antes de serem conhecidos os resultados da eleição presidencial, que, a ser eleito Hindenburgo, tinha a intenção de se instalar em Berlim, para estar constantemente junto do marechal e poder dar-lhe os seus conselhos.

As relações entre Ludendorff e Hindenburgo voltaram a ser bastante cordeais.—(H.)

Os ingleses

e as prosperidades da Alemanha

LONDRES, 27.—O correspondente especial enviado á Alemanha pelo jornal «Daily News» telegrafou de Essen e diz que a impressão geral sentida por um observador imparcial no Ruhr é a duma grande prosperidade.

—Todas as fabricas trabalham.

O telegrama termina pela declaração seguinte:

—A prosperidade dos alemães irrita os franceses. O franco francês continua a perder o seu valor, emquanto que o do marco sobe. Eu proprio estou irritado. Não acredito que haja na Inglaterra uma cidade que pareça tão florescente como a cidade de Essen.—(H.)

RUSSIA

SERÁ' um pretexto O TRATADO russo-japonez

para que a America reconheça os "Soviets,, ?

TOKIO, 27

Kopp, novo embaixador da Russia no Japão, segundo a nova agencia japonesa, Dempo teria declarado em Karbine que o tratado russo-japonês é um simples pedaço de papel sem importancia, util apenas para fazer com que os Estados Unidos reconheçam rapidamente o governo dos «soviets».

Os jornais japoneses duvidam da autenticidade desta noticia, mas as negativas de Kopp ácerca deste assunto foram pouco formais, tendo declarado que estava disposto a espalhar as doutrinas sovieticas entre a Juventude Japonesa que forma a vanguarda da revolução internacional no momento oportuno. — (R.)

A Persia

e a propaganda bolchevista

CONSTANTIONPLA, 27

O governo de Moscou esforça-se por exercer uma larga influencia sobre a Persia, influencia que agora diminuiu um pouco, tendo por esse motivo sido enviado áquele paiz o sr. Yuseneff que se esforçará por combater a politica do primeiro ministro Sardar Sipah.

O governo de Moscou tem muitos agentes na Persia que fazem activa propaganda bolchevista, onde têm encontrado um meio propicio para se desenvolver. — (R.)

A campanha

de navegação de verão

PETROGRADO, 27

Eremiev, chefe da direcção politica, anuncia que em 15 de maio a frota do Baltico estará pronta para a campanha de navegação de verão.

No decurso da preparação de inverno, a atenção das tripulações foi chamada para a importancia politica desta campanha. — (H.)

As sementeiras

prometem mais que o ano passado

MOSCOU, 27

Os temores mafestados recentemente ácerca das sementeiras de inverno, em certas regiões, não são justificados, salvo nalgumas repiões do baixo. Volga, as sementeiras estão relativamente boas.

Os camponezes mostram uma certa tendencia para aumentar a superficie das sementeiras da primavera, em comparação com a superficie do ano precedente. — (H.)

ITALIA

ESTÁ' escrevendo UM DRAMA em trez actos

para se representar o presidente Mussolini

ROMA, 27

M.me Maria Bazzi, artista dramatica, declarou a um representante da «Nazione», de Florença, que Mussolini está escrevendo um drama em três actos, que ela representará primeiro em Nova York, e depois noutras grandes cidades americanas.

O segundo acto está quasi concluido, e Mussolini escreverá o terceiro, logo que esteja completamente restabelecido e os negocios do governo lho permitam.

O drama, que se intitula «Messieurs, on commence», é uma tragedia sentimental que se passa numa «troupe» de musicos ambulantes. — (H.)

A reunião

do grande conselho "fascista,,

ROMA, 27

O grande conselho do fascismo realizou a primeira reunião da sessão de Abril.

No começo da reunião, por proposta de Mussolini, o grande conselho aprovou uma moção, na qual, depois de ter saudado os seis fascistas mortos de 5 a 12 de Abril, se ordena ao partido que inscreva imediatamente os seus melhores aderentes na milicia, a fim de que esta se encontre sempre em completa potencia material e moral, e exprime a esperança que o governo esteja pronto a reprimir qualquer tentativa contra o fascismo. Em seguida, Mussolini fez um relato minucioso da situação politica geral. — (H.)

Mussolini

e as confederações sindicais

O conselho nacional das confederações sindicais fascistas inaugurou ontem os seus trabalhos, aprovando, por aclamação, o relatorio do seu presidente, sr. Rossoni, e enviando um entusiastico telegrama de saudação ao sr. Mussolini. — (L.)

As greves

e a opinião do fascismo

ROMA, 27

O Grande Conselho Fascista prosseguiu ontem na discussão das organizações operarias e no seu recurso á greve, sendo de parecer pue só se deve recorrer a tal extremo quando se tenham esgotado por completo todos os meios pacificos. — (L.)

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	98$50	98$75
* Paris	—	1$07
*/Madrid	—	2$95
*/New-York	—	20$55
* Amsterdam	—	8$23
*/Suiça	—	3$99

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Bruxelas	—	1$04
*/Italia	—	$84
*/Praga	—	$62
*/Brazil	—	2$22
Libra esterlina	105$00	110$00
Agio do ouro	—	—

DE PASSAGEM

FALAM

ao "Diario de Lisboa,, DOIS

beneditinos alemães

que andam numa missão

Entre os excursionistas que estão em Lisboa, encontra-se uma missão de beneditinos. E, dentre eles, destacam-se o «Pére» Schmete e a «Mére» Melania.

O jornalista conversou hoje com ambos, á porta do «Tavares». Tanto eles como os restantes missionarios, trazem os seus habitos, com os quais atravessaram a cidade, sendo respeitosamente saudados pelos catolicos que os viram.

—Tem algum fim especial essa missão?

—Trata-se duma viagem de estudo e de propaganda.

—Onde foram?

—A' Africa do Sul. Era o que especialmente nos interessava. Visitámos todos os conventos, todas as altas figuras da Igreja, com o fim de estreitarmos relações entre os religiosos. E' que é necessario criar uma «frente unica» contra os ateus.

—Já conheciam Portugal?

E' o «Pére» Schmete que responde por todos:

—Não. Mas estamos maravilhados. E, se pudermos, voltaremos cá, para, demoradamente, admirarmos as belezas do vosso paiz. Vamos encantados, póde crer.

—Têm sido bem tratados em Lisboa?

—Tinham-nos dito, repetidas vezes, que, em Portugal, as irmãs de caridade e os padres eram desrespeitados e apupados quando apareciam em publico com as suas vêstes...

—Mas, como viram...

—Não é assim. Hoje, estamos convencidos de que, em Portugal, existe o respeito por todas as crênças. Deve ser um povo essencialmente religioso o vosso.

Uma nota jornalistica interessante, mas lamentavel sob o ponto de vista da nossa reputação no estrangeiro:

—«Mére» Melania não queria desembarcar em Lisboa, a principio...

—Porquê?

—Por recear que a desrespeitassem ao vê-la com o seu habito. Mas, afinal, decidiu-se...

—Já sabem da eleição de Hindenburgo para Chefe do Estado Alemão?

—Já.

—E qual é a sua impressão?

—Nenhum bom alemão póde deixar de ver no marechal o simbolo duma Alemanha grande, progressiva e respeitada.

ESPANHA

O general Navarro

foi vitima de um acidente

CEUTA, 27 — O general Navarro, comandante da região de Ceuta, dirigia-se a Tetuão num automovel, marchando a toda a velocidade, quando uma roda do carro saltou.

O general, projectado para fóra do carro, caiu sobre a estrada, e um outro automovel, que no momento seguia, passou-lhe sobre uma perna.

O general Navarro ficou tambem ferido na cabeça e nos braços, sendo grave o seu estado. — (H.)

O major Beires

não pode voar

MADRID, 27—O aviador major Sarmento de Beires, na viagem de Talavera de la Reina, sentiu tonturas e perturbações que o levaram a submeter-se á inspecção do medico português dr. Jaime Neves que o declrrou impossibilitado de voar. Em virtude disso, o major Beires e o alferes Gouveia partiram para Paris no «Sud», tendo pedido para Lisboa que mandem um piloto e um mecanico buscar o «Breguet» 9.—(Especial).

A TARDE PARLAMENTAR

O governo

põe a questão de confiança

sobre uma proposta

de adiamento do Congresso

Grande concorrencia de parlamentares e fraca assistencia de espectadores. Governo ausente. Ha uma grande modorra em tudo isto. Pois, se nem o sr. Tavares de Carvalho quiz falar .. Com razão o fez, porque as suas palavras, como depois afirmou o sr. Delfim Costa em condições identicas, cairiam em vão... de escada—apendice este que um deputado democratico lhe acrescentou.

E como os ministros não tivesssm saudades da Camara, talvez já a gozar os 30 dias de descanço que se vão seguir, o sr. Julio Gonçalves para evitar que as senhores deputados estivessem e olhar uns para os outros, requereu a discussão duma emenda do Senado a um projecto que cria uma escola industrial na Figueira da Foz.

* * *

O sr. Alberto Jordão, do outro lado de lá, na trincheira nacionalista, é que não consentiu o avanço inimigo, e daí o oferecer-lhe combate num discurso enorme, em que chegou a dizer que os democraticos têm estado a ser os *donos do país*.

O sr. Carneiro Franco e outros não gostaram da *bisca*.

E tanta arrelia a atitude do deputado nacionalista despertou, que o sr. Jaime de Sousa, aproximando-se da tribuna dos jornalistas, desabafou neste comentario:

—E isto é a proposito duma emenda do Senado... Vejam lá se merece a pena completar o *echequier* parlamentar.

Não compreendemos, mas seguimos adiante, pois, não havendo discursos, precisamos de observar e ver o que pelas tribunas se passa.

Registámos: o sr. Antonio Maria da Silva teve uma demorada conversa com o sr. Alvaro de Castro, que durante ela escrevia alguma moção.

Depois, o sr. Antonio Maria da Silva veio para junto do chefe do governo, e em companhia do sr. Rego Chaves, conversaram, discutiram e riram.

* * *

O chefe do governo usou da palavra para apresentar o novo ministro da pasta da Guerra, sr. Mimoso Guerra.

Elogiou as suas qualidades e sentou-se.

* * *

O sr. Carvalho da Silva, a protestar contra determinadas afirmações feitas nos jornais pelo sr. Alpoim, acerca da atitude dos socialistas no recente movimento revolucionario:

—Com que direito é que esses elementos extremistas vêm declarar que foram eles os vencedores?! E' indispensavel que esta situação acabe!

Intrometeram-se com apartes o sr. Sá Pereira e o sr. Joaquim Ribeiro—este ultimo para repudiar qualquer aliança entre os extremistas e o Partido Democratico—e o orador conclui assim:

—Sr. ministro da Guerra: V. ex.ª é um oficial do Exercito. V. ex.ª representa nesse lugar uma instituição á qual incumbe primacialmente a defeza da ordem social. Não perca v. ex.ª essa sua qualidade, trocando-a pela de politico partidario, deixando que os inimigos da sociedade continuem a derrubar quantas energias surgem a esforçar-se pela segurança da ordem e, consequentemente, pela tranquilidade do país.

Depois de lhe apresentar cumprimentos pessoais:

—Se v. ex.ª antepuzer a todas as conveniencias de natureza partidaria a manutenção severa da ordem, serei o primeiro a dizer-lhe: «Faz v. ex.ª muito bem!» Se assim não proceder, far-lhe-hemos daqui a mais intransigente das oposições, porque, sendo assim, v. ex.ª tornar-se-ha reu de um crime de que jámais poderá ser absolvido!

* * *

O sr. Victorino Guimarães a dar uma trepa no sr. Carvalho da Silva:

—Sr. presidente:... Traga-me chá! Não falei com o sr. dr. Amancio de Alpoim; mas se falase? Não é ele o chefe de um partido com representação constitucional em todos os países?

O continuo trouxe chá; o orador bebeu um gole, e, tendo tomado coragem maior, exclamou, dando bofetadas na secretaria:

—Esta situação não se pode prolongar! Vai sendo um desprimor a averiguação de que das sessões parlamentares só resultam embaraços para o governo. Ponho por isso a questão de confiança. O governo não pode continuar a agir com o Parlamento aberto. E então, a Camara resolverá. Ou esta situação se modifica, ou nós nos vamos embora!

Comentarios barulhados. Põe-se toda a gente a conversar, exceptuado o publico das galerias; sôa a campainha presidencial como um estribilho ao falatorio da sala, e no entretanto, vai o sr. Carvalho da Silva desmentindo o chefe do govêrno:

—Protesto! Não foi isso que eu disse!

O sr. Victorino Guimarães consentiu, calando, e discursou o sr. José Domingues dos Santos.

Algumas frases:

—Vejo com estranheza que ha nesta casa do Parlamento quem saude os desordeiros da Rotunda! Que significa isto? Significa que esses homens têm representantes cá dentro e que esses representantes querem derrubar o governo? Se assim é, vamo-nos embora, porque são eles quem deve governar!

* * *

O orador termina por mandar para a mesa uma proposta de adiamento dos trabalhos parlamentares, para a qual o sr. Tavares de Carvalho requereu urgencia e dispensa do regimento. Como a discussão de tal documento implique a alteração dos trabalhos—na qual se inclue o pedido do sr. comandante da divisão para manter sob prisão os deputados srs. Cunha Leal e Garcia Loureiro—levantou-se celeuma.

—Pode ser admitida? Não pode ser admitida? Discute-se? Não se discute?

O sr. Ferreira da Rocha, a pôr doutrina:

—Não pode! A vitoria sobre os revoltosos não se fez para que dentro da Camara nos mantenhamos em revolução. O que se pretende é absolutamente contrario ás determinações da lei!

O deputado nacionalista:

—Não pode ser! Homem de ordem e homem de legalidade; porventura mais homem de ordem do que aqueles que agora pretendem interromper a sessão, apelo para v. ex.ª, sr. presidente, para que faça cumprir a lei.

Barulho; protestos; pancadaria nas taboas. Faz-se hermeneutica ácerca do regimento; vão-se exaltando os animos; o sr. presidente do ministerio faz sua a proposta do sr. José Domingues dos Santos; e... durante uns minutos ninguem se entende em meio do chimfrim.

A's seis horas estava ainda a presidencia a pedir ordem a toque de campainha e de carrilhão.

* * *

A's 6,15 foi a proposta José Domingues dos Santos aprovada de chapa pela maioria.

PELA POLITICA

AINDA

não serão adiados OS

trabalhos parlamentares

devido ao caso Cunha Leal

Segundo já ante-ontem registavamos, vai reunir-se o Congresso para apreciar o adiamento dos trabalhos parlamentares, por um mês. Afirmava-se que a reunião seria ainda hoje, o que não acreditamos, visto estar por liquidar o caso Cunha Leal-Garcia Loureiro. Cremos que o adiamento se fará, mas só depois dessa liquidação.

* * *

Os parlamentares nacionalistas estiveram hoje de novo na Camara, e pela primeira vez intervieram nas discussões, sem ser no caso Cunha Leal. E fizeram-no com todo o aspecto de obstruccionismo á «outrance».

* * *

Vão surgindo pormenores do que se passou na conferencia secreta havida em Belem entre o Chefe do Estado e os srs. Antonio Maria da Silva e dr. José Domingues dos Santos. Segundo hoje nos disseram, o sr. Presidente da Republica mostrou desejos de que os dois se reconciliassem, ao que o sr. dr. José Domingues dos Santos respondeu que entre ele e o sr. Antonio Maria da Silva não havia questões pessoais, mas simples e irreductiveis questões de orientação e processos politicos.

* * *

Conferenciou hoje demoradamente com o sr. ministro das Colonias, o deputado sr. Carlos de Vasconcelos, ex-ministro daquela pasta, ácerca do aumento de recebimentos ao funcionalismo de Cabo Verde e da circulação fiduciaria na mesma provincia. Estes assuntos estão sendo estudados cuidadosamente pelo referido ministro que os deve resolver o mais depressa possivel.

* * *

Como o sr. general Vieira da Rocha não tivesse aceitado o convite que o governo lhe fez para Governador Geral da India, o sr. ministro das Colonias deve apresentar hoje no Senado, a proposta do sr. Mariano Martins para esse cargo e a do sr. Rego Chaves, para Alto Comissario de Angola. Estas propostas já se encontram na mesa do Senado e devem ainda hoje ser votadas.

* * *

O sr. Presidente do Ministerio pôz hoje a questão politica á Camara—ou se fecha o Parlamento ou cai o governo. A maioria da Camara apoiou calorosamente a atitude do chefe do governo, e afirmou-se que o Parlamento será hoje mesmo encerrado e que se não discutirá o caso Cunha Leal, o que levará os deputados nacionalistas á renuncia imediata dos seus logares. Isto se afirma á hora em que fechamos estas notas.

OS ACONTECIMENTOS

Desapareceram

dois processos

da Policia de Segurança do Estado

Esta tarde chegou-nos o boato de que da Policia de Segurança do Estado haviam desaparecido todos os processos referentes aos individuos implicados no movimento militar.

O adjunto da mesma policia, sr. tenente Jorge de Carvalho, informou-nos de que realmente desapareceram da sua repartição os processos referentes a dois civis que foram presos pela G. N. R. e que estão no governo civil, havendo, porém, os elementos necessarios para os reorganizar.

Evasão de um preso

Evadiu-se o alferes sr. Jorge Botelho Moniz, antigo ajudante de Sidonio Pais, que fôra preso na Rotunda, onde disparou as duas granadas que foram o sinal do inicio da revolta.

Boato falso

Não tem fundamento a noticia de terem sido encontrados na Rotunda os cadaveres de dois soldados de metralhadoras.